

---

## ARTIGO

---

# RECONSTITUINDO O MOVIMENTO NO TEMPO DE UMA ESTRUTURA DA POSSE DE ESCRAVOS (Bonfim, 1832-1839)

*Marcelo Magalhães Godoy*

Este ensaio, baseado no estudo do comportamento temporal de uma estrutura da posse de escravos, pretende divulgar alguns resultados preliminares e, principalmente, contribuir com algumas sugestões quanto a métodos e técnicas de trabalho. A estrutura da posse de escravos investigada é a do distrito norte-mineiro de Bonfim (atual Bocaiúva). O período é a década de 30 do século passado e o suporte documental são duas "listas nominativas", unidades de dois conjuntos censitários - 1831/32 e 1838/40.

O distrito de Paz de Bonfim pertencia ao Município de Vila do Príncipe, no começo da década, e ao Município de Montes Claros, no final da década. Situado no "sertão", região central do norte de Minas Gerais, constituía-se num ponto intermediário entre dois pólos de ocupação distintos. Bonfim era escala na rota que ligava a região do Vale do São Francisco, marcada por economia diversificada e comércio ativo, e a região mais setentrional em que se expandiu a extração mineral, ou seja, a região diamantina e os importantes núcleos de Vila do Príncipe e Vila de Minas Novas. Com baixa densidade demográfica, em parte explicada pelo rigor climático, com incipiente organização econômica, sendo a agricultura de subsistência e a pecuária extensiva suas principais atividades econômicas, com presença preponderante de mestiços na população e com estrutura fundiária

concentrada, o "sertão", como era chamada a área pelos contemporâneos, representava uma "região em gestação".<sup>1</sup>

As duas "listas nominativas" utilizadas, uma para o ano de 1832 e outra para 1839, são unidades de dois levantamentos censitários realizados pelo Governo Provincial.<sup>2</sup> Essas listas trazem a população do distrito dividida em "fogos"<sup>3</sup>, com as informações arroladas por habitante. Nome dos indivíduos, cor/"qualidade", condição social (livre, forro, escravo), idade e estado civil são as informações básicas.<sup>4</sup>

Partindo da frequência simples da posse de escravos, para o início e o fim da década, e tendo por base exclusivamente a distribuição observada, sugerimos um agrupamento dividido em 5 faixas. Dentro da realidade de Bonfim, de 1 a 3 escravos são os pequenos proprietários; de 4 a 10, escravos, os pequenos-médios proprietários; de 11 a 20 escravos, os médios proprietários; de 21 a 100 escravos os médios-grandes proprietários; e, de 100 a ... escravos, os grandes proprietários. A opção pelo agrupamento proposto não se sustenta na estruturação econômica do distrito, nem em elementos da economia regional. Mesmo assim, ela se mostra consistente (foi possível sustentar significativa identidade entre os proprietários escravistas de, pelo menos, uma faixa como) referencial para o estudo da evolução da posse ao longo da década.

Vejamos, brevemente, através da Tabela 1, a composição da população de Bonfim por sexo e condição social (v. Anexo).

- 1- A caracterização da "região do sertão" foi extraída de uma proposta de regionalização presente na monografia de Bacharelado: GODOY, Marcelo Magalhães. *Vida econômica mineira na perspectiva de viajantes estrangeiros*. Belo Horizonte, Departamento de História/FAFICH/UFMG, janeiro de 1990, pp. 52-55.
- 2- As duas listas utilizadas se encontram no Arquivo Público Mineiro, Mapas de População, Pasta 13/documento 02 e pasta 8/documento 05.
- 3- Para uma discussão da conceituação do fogo, ver PAIVA, Clotilde A. e ARNAUT, Luiz D.H. *Fontes para o estudo de Minas oitocentista: listas nominativas*. In: V Seminário sobre a economia mineira, 1990. Diamantina. *Anais*. Belo Horizonte, UFMG/CEDEPLAR, 1990.
- 4- Para maiores informações sobre as variáveis constantes nas listas nominativas ver: PAIVA, Clotilde A. et alii. *Estrutura e dinâmica da população mineira no século XIX*. Belo Horizonte, CEDEPLAR/FACE/UFMG, 1989. (Relatório de atividades - versão preliminar).

Pela tabela em questão, percebemos ao longo da década, estabilidade na composição da população. A proporção livres/escravos não sofre alteração acentuada, havendo apenas descréscimo de mais ou menos 10% da participação da população escrava na população total do distrito. Além disso, a razão de masculinidade dos livres aumenta e a dos escravos diminui.

Analisemos, agora, pela Tabela 2, a distribuição dos fogos com escravos pelas 5 faixas propostas e o número de escravos concentrados em cada faixa (v. Anexo).

Sem perder de vista as variações ao longo da década, de 1832 para 1839, podemos deter-nos em alguns pontos. Assim, percebe-se nítida concentração dos proprietários escravistas na faixa de 1 a 3 escravos. Destaca-se, também, a evidente concentração dos escravos nas faixas de médios e grandes plantéis. Em números, a concentração da posse de escravos manifesta-se quando observamos que, enquanto 90% dos proprietários se situam nas duas primeiras faixas (1 a 3 e 4 a 10), apenas 43,8% dos escravos se situam nas referidas faixas (1832). Em contrapartida, 10% dos proprietários reúnem 56,1% dos escravos (1832). Ocorre, porém, mudança ao longo da década, revelando importante tendência de desconcentração. Assim, em 1839, 92% dos proprietários das faixas inferiores (1 a 3 e 4 a 10) reúnem 54,3% dos escravos - um crescimento de 24% em relação a 1832. Já os 8% das faixas de médios e grandes proprietários (11 a 20, 21 a 100 e 100 a ...) aparecem com 45,8% dos escravos, refletindo perda de 16% em relação a 1832. Mesmo que a posição da distribuição, no final da década, apareça concentrada, é inquestionável o processo de desconcentração registrado ao longo do período.

Se observarmos, com mais atenção, essa desconcentração, constataremos que apenas uma faixa responde por ela. Com apoio de índices, notamos que todas as faixas, com exceção da que apresenta de 4 a 10 escravos, registram queda de 1832 para 1839 - queda do número de fogos e do número de escravos. Apenas a faixa de mais de 100 escravos apresenta ligeiro crescimento relativo. O crescimento da faixa de 4 a 10 absorve as perdas das outras faixas e sustenta o processo mais amplo de desconcentração da posse de escravos em Bonfim. Na faixa de 4 a 10, a participação relativa do número de fogos aumenta em 47% e a do número de escravos, em 57%.

Diante do movimento observado, particularmente do comportamento da faixa de 4 a 10 escravos, resolvemos aprofundar o estudo da estrutura da posse no

tempo. Buscamos dimensionar melhor tão significativa mudança na participação da faixa dos pequenos-médios proprietários, as características de sua variação ao longo da década e possível identidade desse grupo de proprietários escravistas.

Com isso empreendemos um trabalho de "reconstituição". Relacionamos os 27 fogos que, em 1832, tinham de 4 a 10 escravos e buscamos localizá-los em 1839. O mesmo fizemos com os 37 fogos que, em 1839, tinham de 4 a 10 escravos, buscando localizá-los em 1832. Neste ponto é importante ressaltar dois pressupostos. O fogo é tratado como uma unidade, onde existe entre seus componentes interação de várias naturezas, imbricadas ou não: interação econômica, familiar, residencial, de autoridade, "de posse", estando em questão a própria definição de fogo. Em segundo lugar, vinculada ao primeiro pressuposto, está a percepção de que existe o "chefe" do fogo e de que a primeira pessoa listada no fogo exerce a chefia. Enquanto chefe, relaciona-se com os demais integrantes do fogo, relação de várias naturezas, como já levantamos, e, em decorrência, é a referência mais estável para a reconstituição daquela unidade - no nosso caso, os fogos de 4 a 10 escravos.

Trabalho manual, feito diretamente nas listas nominativas manuscritas, a reconstituição baseou-se nas informações presentes num momento - basicamente as informações dos chefes - que eram procuradas no outro momento. Nome do chefe do fogo, idade, cor/"qualidade", estado civil e ocupação eram as informações principais. Confirmava-se a "consistência" da localização, confrontando outras informações, tais como: do cônjuge, dos filhos, dos escravos, dos trabalhadores livres, etc. Muitas vezes, a confirmação era fundamental na sustentação da localização. Ocorreram vários casos onde a ausência ou morte do chefe remeteu-nos a uma situação em que outro integrante do fogo passa a assumir a posição de chefia (viuvez sobretudo). Em outros casos localizamos apenas um filho do chefe. E casos em que, embora tenhamos repassado toda a lista várias vezes, não encontramos nenhuma das informações procuradas.

Os casos não reconstituídos podem ser explicados segundo uma série de razões: a simples subnumeração por parte do arrolador, as oscilações provocadas pela natalidade e mortalidade, as migrações internas - de um fogo para outro - e externas - de saída e entrada no distrito - ou ainda a possível imperfeição da tarefa de reconstituição. Associado à dificuldade de precisar o destino do não-encontrado, está o risco, sempre presente, da reconstituição imperfeita que tenta reconstituir o irreconstituível. Lembramos, contudo, que a dinâmica de reconstituição adotada apresenta uma segurança intrínseca: a reconstituição das unidades,

dos fogos, reforça a reconstituição nominal de seus integrantes, e, em contrapartida, a reconstituição dos indivíduos reforça a reconstituição dos fogos a que pertencem.

Dos 27 fogos de 1832 que tinham de 4 a 10 escravos, encontramos 18 em 1839 - 66,7% dos fogos procurados. No movimento inverso, dos 37 fogos de 1839 encontramos 27 em 1832 - 73,0% dos fogos procurados. Assim, foi possível reconstituir a maior parte dos pequenos-médios proprietários escravistas.<sup>5</sup>

Vejamos, no Esquema 1, o resumo da reconstituição e a distribuição pelas faixas. (v. Anexo)

Observa-se que a maior parte dos fogos reconstituídos permaneceram na faixa de 4 a 10 escravos. Expurgando os fogos não encontrados e trabalhando só com o universo localizado, nota-se que os índices dos fogos que permaneceram na faixa de 4 a 10 escravos sofreram sensível alteração, tanto de 1832 para 1839, 77,8%, quanto de 1839 para 1832, 51,8%.

Vejamos agora, através da variação dos números de escravos dos fogos reconstituídos, qual o comportamento, ao longo da década, dos fogos da faixa de 4 a 10 escravos. O Esquema 2 mostra a situação anterior (1832) dos 27 fogos com 4 a 10 escravos em 1839. Já sabendo a que faixas pertenciam esses fogos em 1832, é possível observar a variação do número de escravos ocorrida ao longo da década, colocando-os na faixa de 4 a 10 em 1839. (v. Anexo)

Praticamente dois terços dos fogos da faixa de 4 a 10 escravos, em 1839, correspondem a plantéis ascendentes. Em outras palavras, dois terços dos fogos que compõem a faixa dos pequenos-médios proprietários, em 1839, passaram por

5- A relação das correspondências, dos fogos de 1832 e de sua reconstituição em 1839 e o movimento inverso, dos fogos de 1839 e de sua reconstituição em 1832 - lembrando que em 1839 a lista está dividida em quarteirões -, é a seguinte: (F.31 = Q.1.95), (F.98 = Q.4/F.35), (F.105 = Q.7/F.35), (F.106 = Q.1/F.37), (F.157 = Q.3/F.21), (F.165 = Q.3/F.14), (F.181 = Q.2/F.50), (F.233 = Q.11/F.22), (F.257 = Q.8/F.13), (F.289 = Q.8/F.59), (F.305 = Q.12/F.3), (F.360 = Q.7/F.15), (F.411 = Q.11/F.18), (F.488 = Q.2/F.55), (F.503 = Q.2/F.51), (F.05 = Q.1/F.14), (F.32 = Q.1/F.89), (F.33 = Q.1/F.68), (F.110 = Q.1/F.41), (F.127 = Q.3/F.41), (F.152 = Q.3/F.13), (F.262 = Q.8/F.17), (F.346 = Q.7/F.19), (F.306 = Q.12/F.6), (F.324 = Q.8/F.27), (F.341 = Q.6/F.10), (F.117 = Q.1/F.45), (F.520 = Q.2/F.73), (F.226 = Q.4/F.17), (F.295 = Q.8/F.7), (F.385 = Q.6/F.2). A seguir reproduzimos o fogo 295 de 1832 e seu correspondente, o fogo 7/quarteirão 8 de 1839, como exemplo dos fogos reconstituídos. (v. Tabela 3, em anexo).

um crescimento do número de escravos, ao longo da década. Ganharam escravos e mudaram de faixa ou ganharam escravos dentro da própria faixa de 4 a 10.

A Tabela 2 informa que a faixa de 4 a 10 escravos apresenta comportamento único, com crescimento relativo e absoluto do número de proprietários e do número de escravos. Mostra ainda que o inverso acontece com todas as outras faixas. O Esquema 1 diz mais: enquanto aproximadamente 50% dos fogos da faixa de 4 a 10 em 1839 já estavam nesta faixa em 1832, outros 40% ascenderam da faixa de 1 a 3 escravos para a faixa de 4 a 10. Por fim, o Esquema 2 constata que 74,1% dos fogos da faixa de 4 a 10 escravos, em 1839, passaram por crescimento de seus plantéis ao longo da década. A combinação dessas conclusões sugere duas hipóteses: ocorrência, no distrito de Bonfim, de um processo de transferência de escravos, dos médios e grandes plantéis em direção aos pequenos e pequenos-médios plantéis, ou importação, feita por pequenos e pequenos-médios plantéis, de escravos de fora do distrito.

Com relação à segunda hipótese, pouco temos a dizer. Já com relação à primeira, reunimos alguns sinais favoráveis. A transferência salientada, dos médios e grandes plantéis em direção aos pequenos e pequenos-médios plantéis, é reforçada pela desconcentração ou passagem de uma estrutura mais concentrada para uma menos concentrada, na posse em Bonfim, na década de 30. Observamos também que, dos escravos adquiridos por esses proprietários ascendentes, a maioria esmagadora é composta de crioulos, cabras e pardos (escravos brasileiros, portanto), o que pode sugerir a aquisição dentro de um mercado escravista local ou regional.<sup>6</sup> Da observação das idades dos escravos, que entram nos plantéis ascendentes, é possível ver que a maior parcela dos escravos aparece com idades inferiores a 20 anos, o que aponta para uma reprodução natural prontamente absorvida pelo mercado. Na maioria dos casos, não existem indicações de possíveis progenitores nos fogos ascendentes ficando a suspeita de um mercado escravista de curto alcance.<sup>7</sup>

---

6- O exemplo acima permite visualizar a reconstituição da unidade, o fogo 295 de 1832 e seus correspondente, o fogo 7/Quarteirão 8 de 1839, e de seus integrantes. A reconstituição também é nominal, viabilizando a comparação das informações de cada indivíduo no tempo.

7- Existe um trabalho que constata "um processo de reprodução natural ao longo do século XIX a influenciar no crescimento da população [escrava] desta região (norte de Minas)". Ver: Monografia de Bacharelado: BOTELHO, Tarfeiso R. Demografia da es-

O teste dessas hipóteses, a melhor sustentação dos sinais que apontam na direção da confirmação da primeira formulação e a avaliação da representatividade do estudo de caso nos quadros da economia regional e provincial são trabalhos que ultrapassam os objetivos do presente estudo.

As diversas etapas cumpridas e as decisões e privilegiamentos presentes no encadeamento exposto conformam o essencial do ensaio. Sugerir uma postura metodológica, que acreditamos inovadora, e utilizar técnicas específicas na sua consecução constituem a contribuição que esperamos trazer.

A associação entre uma análise estrutural dos dados censitários e uma exploração de suas vinculações temporais, abrem perspectivas de um conhecimento refinado da realidade mineira do século XIX mineiro. A generalização destes estudos e a incorporação de outras fontes darão maior consistência aos resultados alcançados.

Explorar o potencial que as listas nominativas encerram é um grande desafio. Talvez os trabalhos de reconstituição sejam um dos campos mais ricos e promissores.

POPULAÇÃO TOTAL POR SEXO E CONDIÇÃO SOCIAL:  
Bonfim 1832/1839

BONFIM - 1832						BONFIM - 1839					
LIVRES			ESCRAVOS			LIVRES			ESCRAVOS		
H %	M %	Total %	H %	M %	Total %	H %	M %	Total %	H %	M %	Total %
1013 37,4	986 36,4	1999 73,9	398 14,7	309 11,4	707 26,1	1036 39,2	984 37,2	2020 76,4	340 12,9	284 10,7	624 23,6

FONTE: BRASIL, Arquivo Público Mineiro,  
Mapas de População 1831/32, 1838/40.

OBS: Bonfim 1832, excluído 1 caso de não informação das variáveis.  
Bonfim 1839, excluídos 2 casos de não informação das variáveis.



## ESTRUTURA DA POSSE DE ESCRAVOS: BONFIM 1832/1839

FAIXAS DA POSSE DE ESCRAVOS	BONFIM - 1832				BONFIM - 1839			
	Fogos	%	Escravos	%	Fogos	%	Escravos	%
De 01 a 03 escravos	80	67,2	145	20,5	65	58,6	110	17,6
De 04 a 10 escravos	27	22,7	165	23,3	37	33,3	230	36,7
De 11 a 20 escravos	07	5,9	105	14,8	06	5,4	88	14,1
De 21 a 100 escravos	04	3,4	137	19,3	02	1,8	83	13,3
De 100 a...	01	0,8	156	22,0	01	0,9	115	18,4
Total de fogos c/ escravos	119	100	708	100	111	100	626	100
Total de fogos s/ escravos	412	22,4	---	--	426	20,7	---	--
		77,6				79,3		
Total de fogos do Distrito	513	100	---	--	537	100	---	--

FONTE: BRASIL, Arquivo Público Mineiro,  
Mapas de População 1831/32, 1838/40.

NOME	COR		CONDIÇÃO	IDADE		ESTADO CIVIL		OCUPAÇÃO		ALFABETIZAÇÃO		
	1832	1839		1832	1839	1832	1839	1832	1839	1832	1839	
1832	1839	BR	BR	L	30	38	C	C	Cultura	Planta e Cria	---	S
Jacinto José Pereira	Idem 1832	BR	BR	L	21	24	C	C	---	---	---	---
Angelica Candida	Angelica Candida de Souza	BR	BR	L	23	28	---	---	---	---	---	---
José	José	CRI	CAB	E	13	21	---	---	---	---	---	---
Flauzina	Flausina	PAR	PAR	E	--	23	---	---	---	---	---	---
	Benjamin	--	PAR	E	--	5	---	---	---	---	---	---
	Luis	--	PAR	E	--	3	---	---	---	---	---	---
	Fidelis	--	PAR	E	--	3	---	---	---	---	---	---

Número de escravos em 1832:2 / Número de escravos em 1839:5

FONTE: Brasil, Arquivo Público Mineiro, Mapas de População 1831/32, 1838/40.  
OBS: O traço (-) corresponde a ausência da informação da variável.

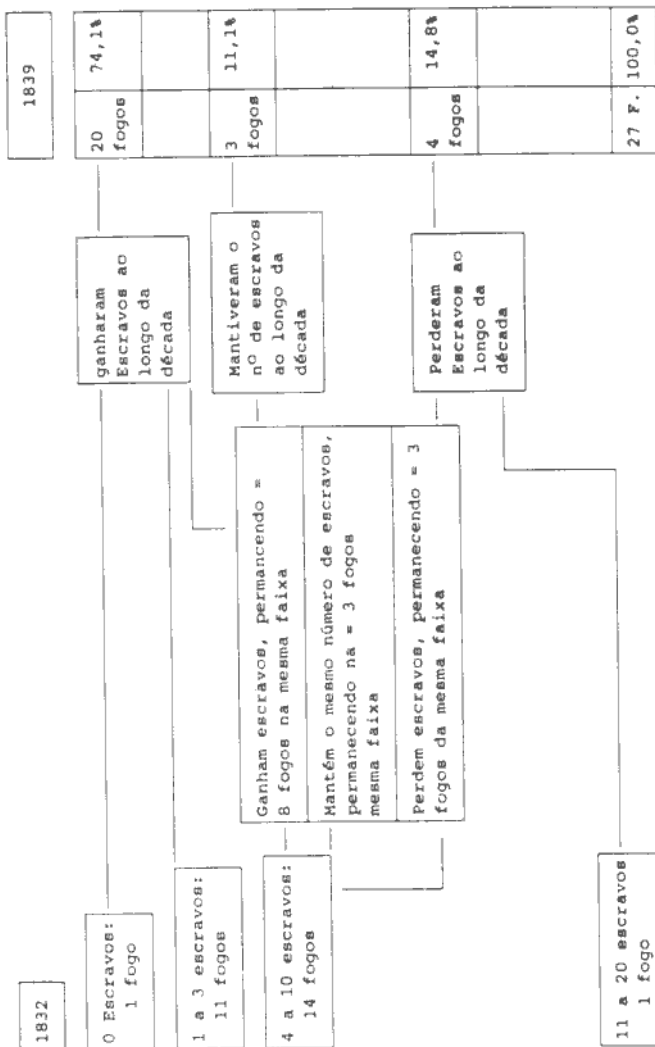
ESTRUTURA DA POSSE DE ESCRAVOS: Bonfim 1832/1839 - Faixa de 4 a 10 escravos

Em 1832 Existiam 27 fogos de 4 a 10 Escravos	fogos não-reconstituídos	%	
9 fogos não foram localizados em 1839	fogos reconstituídos	33,3	
14 fogos continuaram na faixa de 4 a 10 escravos em 1839		51,8	77,8
1 Fogo não tinha escravos em 1839		3,7	5,6
2 Fogos caíram para a faixa de 1 a 3 escravos em 1839		7,4	11,1
1 Fogo subiu para a faixa de 11 a 20 escravos em 1839		3,7	5,6
		100,0	100,0

## ESTRUTURA DA POSSE DE ESCRAVOS: continuação

Em 1839 Existiam 37 fogos de 4 a 10 Escravos			
	10 fogos não foram localizados em 1832	fogos não-reconstituídos	27,0
		fogos reconstituídos	
	14 fogos continuaram na faixa de 4 a 10 escravos em 1832		37,8
	11 Fogos estavam na faixa de 1 a 3 escravos em 1832		29,7
	1 Fogo não tinha escravos em 1832		2,7
	1 Fogo estava na faixa de 11 a 20 escravos em 1832		2,7
			100,0
			100,0

ESTRUTURA DA POSSE DE ESCRAVOS: Bonfim 1832/1839 - Faixa de 4 a 10 escravos



FONTE: Brasil, Arquivo Público Mineiro, Mapas de População 1831/32, 1838/40.